



XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS 27 A 31 DE JULHO DE 2015 FLORIANÓPOLIS - SC

COLÔNIA RONDINHA/VILA SANTA LÚCIA: MIGRAÇÃO INTERNA NO RIO GRANDE DO SUL E A PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO CATÓLICA

WESZ, Mauro M¹.

SANTOS, Júlio R Q².

Neste artigo pretendemos estabelecer relações e nexos entre duas comunidades que se desenvolveram no noroeste do Rio Grande do Sul ou região das Missões, na primeira metade do século XX. A rede de trocas entre essas comunidades rurais permite identificar a presença de jesuítas, colonos de origem diversa e também caboclos, o chamado “elemento genuinamente nacional”, grupos sociais que permeiam nossos estudos no projeto intitulado “Colônia Rondinha/Vila Santa Lúcia: povoamento e missionarismo na região noroeste do Rio Grande do Sul no início do século XX”. A proximidade de relações mantidas entre a colônia Serro Azul (atual Cerro Largo) e a Vila Santa Lúcia (atual Caibaté), acima de tudo no que diz respeito ao aspecto religioso e aos vínculos que os jesuítas procuraram manter e estender nas duas colônias apresenta-se como pertinentes para iniciar a análise sobre a região e seus desdobramentos culturais.

O interesse eclesiástico neste espaço aumentou de forma significativa quando o Pe. Carlos Teschauer³, historiador orgânico da Companhia de Jesus, afirmou ter encontrado o “Caaró”, local onde teria ocorrido o “martírio” dos missionários jesuítas Roque Gonzáles de Santa Cruz, Afonso Rodriguez e Juan Del Castillo que ocorreu em 1628.⁴ Posteriormente esta tese seria reafirmada pelo Pe. Luiz Gonzaga Jaegger S.J.⁵ na legitimação do local enquanto sagrado.

¹ Mestrando do PPGH (Programa de Pós Graduação em História) da Universidade Federal de Santa Maria e bolsista Capes.

² Professor Titular do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História na UFSM; Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Orientador.

³ TESCHAUER, C. **Vida e obras do Venerável Roque Gonzáles de Santa Cruz primeiro apóstolo do Rio Grande do Sul**. 2 ed. Rio Grande do Sul: Edição da Livraria Americana, 1913. Emérito historiador da Companhia de Jesus, Carlos Teschauer (1851-1930) foi membro da Academia Rio-Grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

⁴ Devemos referir alguns estudos sobre este acontecimento: OLIVEIRA, Paulo Rogério de. **O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província Jesuítica do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque Gonzáles nas tierras de Ñezú**. 2009. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. QUADROS, Ezeula Lima. **A defesa do modo de ser guarani**. O

Iniciaremos com a abordagem do contexto histórico da criação destas duas colônias formadas principalmente por indivíduos ligados à posse da terra, e na sequência analisaremos com documentação os agentes envolvidos na construção da vila Santa Lúcia e do Santuário do Caaró que mostram também o processo de apropriação territorial existente no local entre os anos 1920 e 1930 e a dinâmica de relações sociais vigente. Tratando-se de uma colônia mista apontamos para a existência de dinâmica social no que se refere à existência de famílias de origem imigrante e cabocla, assim, a discussão entre as relações entre esses diferentes agentes sociais complementa ainda mais a compreensão da história da vila Santa Lúcia.

3.1 Colonização e povoamento no noroeste do Rio Grande do Sul: Santa Lúcia e Serro Azul no início do século XX.

A colônia Serro Azul foi inicialmente composta por descendentes de imigrantes europeus provenientes de vários locais do Rio Grande do Sul, mas principalmente Tupanciretã. Oficialmente sua fundação data de 1902 e seu planejamento estratégico ocorria diante da necessidade de criar condições logísticas para os operários que iriam trabalhar na construção da via férrea que contemplaria aquela região. Distante cerca 30 km de Cerro Largo, a vila Santa Lúcia foi assim denominada a partir de 1927, o nome anterior do local era Rondinha⁶, onde não houve povoamento sistemático. Com a chegada de descendentes de imigrantes europeus o local passou a levar o nome de

caso de Caaró e Pirapó, em 1628. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS.

⁵ JAEGER, L. G. **Os três mártires rio-grandenses.** Porto Alegre: Livraria, Selbach, 1951. Emérito historiador da Companhia de Jesus, Luiz Gonzaga Jaeger (1889-1963) foi membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, além de professor do Colégio Anchieta em Porto Alegre e também fundador do Instituto Anchietano de Pesquisas.

⁶ “Por Ato nº128, de 31 de dezembro de 1926, assinado pelo Intendente de São Luiz Gonzaga, Virgilino Martin Coimbra, foi criado o 8º Distrito com sede em Santa Lúcia (atual cidade de Caibaté), tendo saído uma pequena área do 7º Distrito de São Lourenço das Missões para incluir Caaró na área do município. A instalação do 8º Distrito, conhecido como “Colônia Rondinha” e com sede no povoado de Santa Lúcia ocorreu dia 06 de janeiro de 1927, sendo primeiro Juiz Distrital o Sr. Hiran Ribas Pinheiro; primeiro escrivão o Sr. Eugênio Thomas e o primeiro subprefeito o Sr. Cristiano Teixeira Machado. Nesse mesmo ano foi instalado o Cartório da Justiça de Paz.” WILLERS, Charlei K. **Rondinha, Santa Lúcia, Caibaté – A caminhada de um município.** 2004. 41 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Santo Ângelo.

colônia. O local foi efetivamente povoado somente a partir de 1920 quando os herdeiros do antigo proprietário Joaquim Gomes Pinheiro Machado venderam suas partes hereditárias, que foram regularizadas e colocadas à venda então, como lotes coloniais de 20 a 30 hectares de terra.

As características econômicas da região neste período e os indivíduos que buscaram a compra de propriedades em Santa Lúcia fazem parte do que Jean Roche (1969) definiu como “enxamagem”, e pode ser explicado por vários fatores, dentre eles o modelo de pequena propriedade e o desgaste do solo em função do tipo de agricultura praticada pelas primeiras gerações de imigrantes. Suas consequências com o decorrer do tempo foram de ordem demográfica, econômica e social, o que para este autor, teria modificado o equilíbrio do Rio Grande do Sul. Deste contexto de grande movimentação, a então vila Santa Lúcia abrigou uma grande variedade de famílias, com diferentes histórias e diferentes origens. Esta característica lhe confere a denominação de colônia mista, devido à heterogeneidade de seus habitantes.

O ponto fulcral para o entendimento da trajetória histórica da comunidade de colonos de Santa Lúcia é a ação empreendida pela Companhia de Jesus na região. Na documentação os próprios jesuítas se reportam à comunidade como sendo Caibaté e Santa Lúcia a capela curada vinculada a São Luís Gonzaga, de Caibaté. Os jesuítas constatam que: “até poucos anos atrás não ocorrera aos colonos melhorarem a situação financeira por meio de um manejo metódico da terra [...] os descendentes continuaram a proceder da mesma forma” (SCHUPP, [1912], 2004, p.209). Mas, o jesuíta também busca o entendimento desse marasmo, dessa apatia nas estruturas de poder político da época ao afirmar sobre a Região das Matas: “Pelo que sabemos, até 1900 não aconteceu nada em favor da proteção das matas por parte das autoridades oficiais” (SCHUPP, [1912], 2004, p.209). A fim de superar esse problema, os jesuítas propõem ações concretas e constroem discurso que: “preocupavam-se muito com o bem estar-material dos colonos”, como alude Ambros Schupp, S.J., em sua crônica. Numa perspectiva de economia solidária, os jesuítas e as comunidades de colonos organizaram as Assembleias Gerais dos Católicos. Os jesuítas passam então a organizar os lavradores da Região das Matas, entre eles os que viviam na Colônia Rondinha/ vila Santa Lúcia, conforme discurso do Pe. Ambros Schupp, escrita em 1912, na qual situa e evidencia a atuação do Pe. Amstad na Assembleia Geral dos Católicos, quando se fundou a



Associação dos Agricultores, com princípios cooperativistas para organizar o trabalho dos lavradores.

O P. Amstad podia ler nos rostos que suas palavras caíam em solo fértil e, quando no final a assembléia em peso irrompeu num sonoro Viva!, pôde permitir se fazer a proposta da criação de uma associação que tivesse como objetivo o entendimento aos múltiplos interesses dos colonos [...] E como a proposta encontrou aceitação geral, apresentou numa reunião extraordinária os estatutos e o plano de organização [...] 400 homens se inscreveram na lista de sócios. Todos eles retornaram depois para as suas picadas e começaram a procurar adeptos para a nova associação, de forma que ela evoluiu promissora e rapidamente. (SCHUPP, [1912], 2004, p.213).

Pode-se perceber o grande alcance que tais projetos poderiam alcançar. Neste caso uma associação de agricultores, que desde o início já contava com 400 homens, assim, as novas propostas não ficavam restritas, pois estes jesuítas dispunham de grande circularidade nestas comunidades ou onde quer que fosse para oficializar parcerias e levar adiante estes projetos e outros como a valorização de determinadas representações missionárias, como no caso do Santuário do Caaró. Através da análise dos livros tombo da paróquia Santa Lúcia, o padre Max von Lassberg é citado ao entregar a cópia ao pároco de Santa Lúcia, padre Paulo Antônio Weng dos registros referentes à compra da propriedade em Caaró, este fato demonstra somente uma das tantas ações práticas deste jesuíta em meio à consolidação da Romaria do Caaró. Em outra fonte histórica datada de 1938, que faz referência as comunidades da região, em que se situa Santa Lúcia ou Caibaté, pode-se perceber que a mesma está inserida nos projetos da Companhia de Jesus de organização dos trabalhadores em forma de associação:

Desde que a sede do decanato (área pastoral) veio de São Luís [Gonzaga] para cá, fazemos muito mais reuniões. Fazem parte: Serro Azul, São Luis, Caibaté, Campinha, Porto Lucena e Pirapó. Precisariamos mais um padre. Os trabalhos aumentam cada ano. (SPOHR, 2013, p.58).

Dessa forma, é importante notar alguns aspectos intrínsecos à organização da vila Santa Lúcia. O primeiro, o fato de um grupo de jesuítas demonstrarem interesse em

desenvolver o projeto de ocupação da Região das Matas, coincidentemente Região das Missões, desde o final do século XIX, mas que encontrou as condições objetivas nos primórdios do século XX, durante o governo republicano do Estado Brasileiro de regime político republicano e presidencialista, conforme a Constituição de 1891. Esse interesse está acompanhado da ação de organizar o trabalho dos colonos em associações católicas. Outro aspecto inerente à organização de Santa Lúcia, ou Caibaté, diz respeito à organização das romarias aos santos mártires – três jesuítas de 1628 que passam a ser ressignificados a partir de 1928 na região – nas quais se percebe o empenho dos padres naquele momento em preservar, resguardar, valorizar e propagar os acontecimentos do século XVII, definindo-os em sua pertinência e importância à História do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, os intelectuais jesuítas construíam o pensamento de disputa pelo passado histórico sul-rio-grandense, além de ratificarem o catolicismo oficial em detrimento do catolicismo popular, posto que, provavelmente a devoção aos santos mártires deveria se constituir em práticas de religiosidade popular na região. Pela ordem do discurso jesuítico, percebe-se o empenho dos mesmos em organizar a devoção aos santos mártires, organicamente ligados à Companhia de Jesus:

Os padres Provincial e Kurzo foram a Caaró. O Provincial benzeu mais uma vez a cruz, no lugar do martírio de Roque Gonzales e Afonso Rodrigues. A seguir, foi celebrada missa solene. Uma grande multidão esteve na celebração, Caaró está situado um pouco fora da nossa paróquia [Santa Lúcia], sob a jurisdição do pároco de São Luiz Gonzaga, Mons. Estanislau Wolski, o qual promoveu toda esta solenidade com muito zelo. Nesta ocasião foi erigida uma grande cruz de madeira esperamos que em breve surja lá uma capela. (SPOHR, 2013, pp.44/45).

Na formulação do discurso jesuítico sob os paradigmas do pensamento ultramontano, o passado histórico da região das Missões estava sendo reescrito, a partir de seu fato fundante – o empenho e o martírio dos missionários jesuítas do século XVII em evangelizar os Povos indígenas – dessa forma, o evento de 1628 deveria ser marcado em seus elementos emblemáticos como a definição precisa do local do martírio, da sacralização do primeiro grande milagre – a relíquia do coração – a cruz, transformando-o num lugar de memória missioneira. Para além do lugar de memória

cristã. Assim a presença dos jesuítas também se consubstanciava a partir de suas elaborações mentais, dos seus paradigmas impregnados no pensamento jesuítico.

Com relação às origens de Serro Azul, após estudos realizados pelo *Volkverein*⁷ (associações de agricultores existentes a partir de uma rede de proteção religiosa, cultural, recreativa e social) a proposta de criação desta colônia foi aprovada e seu local definido. Sobre a criação deste local, Roche detalha também a composição das origens de seus moradores entre 1926-1927:

Cerro Azul foi fundada em 1902 pelo rio-grandense *Bauerverein* e era essencialmente católica (91% das 1.260 famílias de 19270. A origem dos chefes de família de 1925-1927 era a seguinte: Cerro Azul – Alemanha 8%, Colônias velhas 87%. O papel da imigração estrangeira fica cada vez mais reduzido enquanto cresce o das migrações internas, a partir das colônias mais antigas. (ROCHE, 1962, pg. 130)

Portanto, colonos vindos majoritariamente de Tupanciretã juntamente com os jesuítas e outros indivíduos ligados à *Bauerverein* criaram Serro Azul, seu primeiro diretor foi o Cel. Jorge Frantz, tendo como cura espiritual o Pe. Max von Lassberg⁸ S.J. As atividades deste jesuíta em meio a estas sociedades rurais como Serro Azul e Santa Lúcia nos interessam muito, pois demonstram em partes como ocorria essa integração com a população em geral. Muitos estudos tratam de entender a ação das companhias de colonização no âmbito do processo histórico da colonização no Rio Grande do Sul, porém, aqui nos interessa a presença dos jesuítas enquanto incentivadores da emigração junto aos colonos. Analisaremos neste momento a presença de alguns deles e como suas atividades são relatadas a partir de discursos jesuíticos e nos livros tombo das paróquias que são nosso foco. Esses jesuítas envolveram-se em organizações e cooperativas de

⁷ Em 1912, decidiu-se, no Congresso de Teutos, em Venâncio Aires, a fundação de uma Sociedade Popular Católica, de nome *Volkverein*. Dava-se a ela em fomento dos interesses materiais e ideais ou espirituais do povo de língua alemã no Rio Grande do Sul.

⁸ “O padre Max von Lassberg, nasceu no dia 13 de fevereiro de 1857 em Detmold na Baviera, Alemanha. Prestou seus estudos no Ginásio Stella Matutina, onde apresentou grande interesse para a vida religiosa; terminou seus estudos teológicos ainda no Brasil em 1888 e recebeu a ordenação sacerdotal na cidade de Montevidéu/Uruguai. Com participação ativa na vida das comunidades teuto-brasileiras, onde atuava como pastor e mentor para os mais variados problemas, Lassberg tornou-se um homem de confiança para os imigrantes. Ele foi considerado um dos maiores “experts” em termos de implantação e consolidação de projetos de colonização na primeira metade do século XX, colaborando para a colonização de Colônias como Serro Azul, no Rio Grande do Sul, San Alberto e Puerto Rico, na Argentina e Porto Novo em Santa Catarina.” BLUME, W; WITT, M. **Organização social e mobilidade espacial: estudo sobre imigrantes alemães e descendentes no Brasil e na Argentina**. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 2, p. 97-111, jul./dez. 2014.



agricultores, intencionavam assim aprimorar o conhecimento das técnicas de cultivo mais eficientes para as colônias. Nesse sentido, Vogt e Radünz (2013) buscaram entender as origens e modelos utilizados pelos jesuítas para a formulação de cooperativas de crédito nas colônias:

A preocupação com o bem-estar material dos colonos ficou refletida no Terceiro Congresso Católico, realizado em 1900 em Santa Catarina da Feliz. Naquela ocasião, sob a inspiração de Teodoro Amstad, e tendo como estereótipo os *Bauerverein* existentes na Alemanha, houve a fundação da Associação Rio-Grandense de Agricultores, cujo nome inicial também foi *Bauerverein*. Essa entidade, embora criada por católicos, tinha caráter ecumênico e étnico. Pretendeu ser uma espécie de federação que congregaria associações locais de agricultores. (VOGT, RADÜNZ, 2013, p. 279.)

Em um livro de 1966, uma das primeiras obras sobre a história de Cerro Largo⁹, que foi lançado em virtude das comemorações do 11º aniversário de emancipação do município, o autor menciona o Bauerverein como grande agência empreendedora da criação de Serro Azul, e o Pe. Max von Lassberg S. J. é apresentado como fundador da colônia. Destacamos a presença do padre Max, pois se trata de um jesuíta reconhecido por sua atuação junto aos colonos:

O Pe. Max conquistou não poucos méritos na questão da imigração e colonização, na medida em que respondia aos inúmeros questionamentos em parte teorizando em palestras, pronunciadas em ocasiões as mais diversas, em parte fora dele. De modo parecido agiam também outros padres, quando a questão era posta. Mas era principalmente pelo suporte direto dado aos colonos quando começaram a trabalhar seus lotes. (SCHUPP, [1912], 2004, p.210).

Também deve ser dito que em algumas análises mais críticas sobre o tema, Lassberg é entendido como um agente colonizador de fato, pois sua atuação de nenhuma forma se restringia ao âmbito religioso, mas sim, perpassava os muitos sentidos que a colonização com imigrantes e emigrantes poderia assumir. Blume e Witt (2014) constatarem o sentido das ações de Lassberg:

⁹ DEWES, M J. **A História de Cerro Largo**. Editora da Alvorada: Porto Alegre, 1966.

O agente em questão transitou pelas mais diversas áreas do solo rio-grandense, estabelecendo diálogos com sociedades de imigrantes que estavam descontentes com sua situação socioeconômica. Esses imigrantes estavam no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e a atuação de Lassberg possibilitou a mobilidade espacial deles. (...) Pode-se afirmar que o Pe. Max von Lassberg foi, senão o maior, pelo menos um dos maiores "experts" em termos de implantação e consolidação de projetos de colonização na primeira metade do século XX. (WITT; BLUMEN, 2014, pgs 2,4).

A insistência do discurso religioso nos mais variados assuntos do cotidiano dessas pessoas são demonstrados pelas transcrições dos Livros Tombo da Paróquia Sagrada Família Nazaré de Serro Azul:

22.11.1934 – Carta ao P. Max von Lassberg, SJ ao provincial. Esteve dia 15/11 em Caaró, na festa. Continuaram as tratativas para a compra de terras e construção de igreja lá. Alguns parecem ter dito ao dono que sabemos haver ouro lá... A 18/11, sermão do pároco sobre escola sem religião; grupo, depois reunião acalorada. Dia a dia aparecem mais as finalidades dos instigadores: diminuir a influencia da religião, dos padres, afastar os jesuítas, passar a direção a outras mãos. (SPOHR, 2013, p.48).

Além de Lassberg, outro jesuíta que dispunha de extensa rede de contatos e buscava articular-se entre os colonos através de cooperativas era o Pe. Theodor Amstad S.J, que muito aparece na documentação referente à colônia de Serro Azul e também nas obras *A missão dos jesuítas alemães no Rio Grande do Sul* e *Pe. J. E. Rick, S.J. Cientista, colonizador, apóstolo social, professor*¹⁰. Nesse último livro em específico constam muitos relatos jesuíticos de época onde Max von Lassberg, Teodoro Amstad e Johannes Rick¹¹ se destacam entre os jesuítas mais atuantes entre os colonos católicos no Rio Grande do Sul:

Johannes Rick, Theodor Amstad e Max von Lassberg formaram o trio de jesuítas que passaram para a história da colonização do Rio Grande do Sul e

¹⁰ RAMBO B A; Pe. RABUSKE S.J. (Editores); **Pe. João Evangelista Rick, S.J, Cientista, colonizador, apóstolo social, professor**. Editora Unisinos: 2004.

¹¹Johannes Rick (1869-1946), ou João Evangelista Rick como é conhecido no Brasil, nasceu em Dornbirn, Voralberg (Província das Áustria), logo após sua formatura em 1902 foi para Portugal, onde aprendeu português, e em 1903 chegava a São Leopoldo. Exerceu muitas atividades, foi fundador de colônias, professor e cientista, dentre outras atividades pastorais, sua atuação deve ser destacada nas colônias em que atuou, dentre elas, Serro Azul.

Santa Catarina como os protótipos dos *patres colonorum* por excelência. Além deles dezenas de outros merecem o mesmo qualificativo. Max von Lassberg tem o seu nome imortalizado como fundador de colônias até na província de Culmey, acompanhou a implantação de colônias em Serro Azul (hoje Cerro Largo) e Santo Cristo e levou centenas de colonizadores alemães vindos do sul do Brasil, para dar início à colonização de Puerto Rico e San Alberto. Assim como liderou o primeiro grupo de onze pioneiros para dar início a Serro Azul em 4 de outubro de 1902. Celebrou com eles a primeira missa onde hoje floresce a cidade de Cerro Largo. (RAMBO B A; Pe. RABUSKE S.J.; 2004, p. 9).

Podemos perceber a partir da citação acima o prestígio destes jesuítas no âmago destas sociedades que estavam se formando, pois arrecadavam o dinheiro para a compra inicial dos lotes, escolhiam nomes entre os colonos para funções administrativas estendendo assim seu campo de influências nestes locais:

O Pe. Amstad, nas suas visitas regulares às cooperativas como secretário itinerante da Sociedade União Popular, auxiliava a diretoria local a pôr em dia os livros, transmitia os procedimentos necessários e deixava orientações para o bom funcionamento das Caixas. Além disso, os professores das escolas paroquiais e comunitárias, seguindo à risca a proposta didático - pedagógica, assimilada na escola normal, que era igualmente acompanhada pela Sociedade União Popular, eram sem dúvida um reforço às iniciativas comunitárias, entre elas, a da qualificação das Caixas Rurais. (SCHNEIDER, 2014, p.18).

Outro elemento que torna dinâmica esta região é que identificamos na vila Santa Lúcia a existência de muitos moradores anteriores ao povoamento através dos lotes coloniais, os ditos caboclos ou como ainda o “elemento genuinamente nacional”, de acordo com a denominação que a documentação estatal produziu, essa questão necessita alguns esclarecimentos. Both (2008) com base nos relatórios da Diretoria de Terras e Colonização (DTC) do Estado estuda as representações que perpassaram o uso da denominação “nacional” para definir indivíduos que já se encontravam nos locais de colonização. O autor ressalta que o preconceito que perpassava seu uso era recorrente:

Os nacionais, por sua vez, eram apresentados como vadios, racialmente inferiores, mestiços, indisciplinados e toda uma série de inumerável de adjetivos. Em outros termos, “foi da depreciação do brasileiro que emergiu a valorização do imigrante”. (...) Márcia Naxara, em estudo sobre as representações do brasileiro presente em obras literárias escritas na virada do século XIX para o XX, assinala que é comum a utilização do termo nacionais

na época e que o adjetivo era empregado para nomear uma população pobre, considerada “(mal) nascida, em geral mestiça, pertencente ou egressa da escravidão.” (BOTH, 2008, p. 213).

Buscamos denominar este grupo social enquanto caboclos, e ainda segundo relatos resultantes do uso da história oral com moradores de Caibaté que viveram na época de Santa Lúcia, esses indivíduos que habitavam este espaço antes do loteamento, eram geralmente agregados e peões de fazendeiros da região, que com o tempo passaram a integrar-se também ao núcleo urbano. Em um jornal datado de 1976 que realizou um resumo histórico de Caibaté consta a relação dos nomes de indivíduos que moravam naquela região na zona campesina, eles eram: Manoel José da Silva, Elizário José da Silva, Firmino da Silva Torres, Avelino Gonçalves dos Santos, José de Souza Batista, João Antunes Ribas, Manoel Victorino de Matos, Manoel Ramos da Silva, Vicente de Souza Batista, Alfredo da Silva Machado, Pedro da Silva Machado, Horácio Pinheiro de Menezes e José de Souto. Podemos inferir a partir de seu sobrenome sua origem ou lusitana, ou egressa da escravidão conforme aponta Both na citação acima. Este aspecto corrobora também com a hipótese da inexistência de grupos étnicos fechados, pois a integração em prol do desenvolvimento da comunidade era recorrente, o que não exclui a possibilidade da existência de conflitos de caráter étnico entre estes indivíduos ditos caboclos e os descendentes de imigrantes europeus ou mesmo entre os próprios descendentes, pois a imprevisibilidade dos atos humanos assim impede.

O processo de ocupação das propriedades em Santa Lúcia não teve exclusividade étnica, não era uma colônia estatal ou restrita, bastava o interesse e o dinheiro para comprar propriedade no local, isto reuniu famílias de diversas origens além daqueles que já estavam na zona campesina do local, o que nos faz definir Rondinha/Santa Lúcia enquanto colônia mista. Estes indivíduos não se apresentavam enquanto grupo coeso ou etnicamente mobilizado, sendo assim, a definição de grupo étnico não é a mais exata neste caso, não correspondendo à definição de Barth (2000), para quem os grupos étnicos “tem um conjunto de membros que se identificam e são identificados por outros”¹², questão que a partir das fontes orais percebemos que não havia. Santa Lúcia recebeu descendentes de imigrantes alemães, mas também vieram descendentes de italianos, polacos, húngaros. Esse também é o padrão de outras

¹² BARTH, Fredrick. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000. (Pg 27).

colônias fundadas nesse período e em outras zonas da região noroeste como Guarani, Erechim, Ijuí, que integraram as pessoas de distintos locais de proveniência familiar e nacionalidade de descendência. Uma das possibilidades que explique as diferentes formas de integração que ocorreram nestes locais sejam a dificuldade e a inexistência de algum tipo de auxílio estatal devido ao isolamento, o apoio mútuo entre estes vizinhos poderia amenizar problemas relacionados ao estabelecimento de uma comunidade. Assim, o uso do termo “grupo social” procura expressar esta dinamicidade de relações sem denotar a ideia de coesão étnica. Mesmo porque essas pessoas não eram mais estrangeiras, não eram imigrantes que não dominavam absolutamente nada da língua, mas sim filhos e netos desses imigrantes que por variadas razões migravam em busca de outros locais produtivos. Zarth (1997) nos esclarece bem este aspecto ao demonstrar a partir de escritos de Léo Waibel¹³ o que aconteceu com a sucessão das gerações posteriores aos primeiros imigrantes no estado:

Leo Waibel, geógrafo alemão, em seu estudo sobre as colônias alemãs do sul do Brasil, não escondeu seu espanto quando constatou que seus compatriotas praticavam uma agricultura rudimentar ‘A maioria das colônias do planalto do Rio Grande do Sul está em estado deplorável. A primeira geração de colonos que devastou as matas no decênio de 1890 e que, depois de alguns anos de pioneirismo, estabeleceu o sistema de rotação de terras melhorada, tornou-se logo próspera e constitui boas propriedades. A segunda geração aplicou as mesmas práticas agrícolas, daí resultando que os seus padrões econômicos baixaram consideravelmente, e a terceira geração, ou teve que se mudar para outro lugar ou se tornou cabocla’. (ZARTH, P. 1997, p. 136).

Dessa forma, tratamos aqui de imigrantes de segunda ou terceira geração, os quais não deveria causar estranhamento à existência de outras pessoas nos locais que por ventura se instalassem. Esta população cabocla também era influenciada pelos referenciais religiosos das atividades que os padres promoviam:

O brasileiro mostra disposições favoráveis no que diz respeito à religião (...) é dado a demonstrações externas de piedade e sensível a motivações religiosas. Mantém em casa um altar doméstico, diante do qual faz as suas devoções. Mostra-se um amigo todo especial das festas de igreja, não deixando faltar nada com relação à pompa externa. Tudo destina-se a tornar a festa mais brilhante (...) O que se acaba de afirmar vale sobretudo dos

¹³ Léo Waibel (1888-1951) Geógrafo alemão que trabalhou no Brasil no período de 1946 a 1951.

brasileiros que ainda não sofreram a influência da ilustração e que vivem lá fora no campo ou afastados da movimentação moderna dos pequenos e grandes centros. A situação é outra onde a ilustração conseguiu penetrar. Nesse meio, principalmente o mundo masculino exibe um comportamento indiferente e até hostil para com a religião, clima que, ao tempo dos padres espanhóis em Porto Alegre, segundo testemunho de todos, ainda não se verificava. A crisma goza de um alto conceito entre os brasileiros. Verifica-se um empurra-empurra indescritível quando o bispo entra na igreja para a confirmação. Todos, grandes e pequenos, querem ser confirmados. (SCHUPP, [1912], 2004, p.152).

Este elemento ajuda a explicar o apoio entre todos os setores desta comunidade rural para a construção do Santuário do Caaró, todas essas pessoas estavam inseridas nos projetos de valorização do passado missioneiro na região cuja base fundamental para os jesuítas neste novo processo era a Romaria do Caaró e a devoção aos mártires católicos. Segundo a análise do discurso jesuítico com relação a este período, nota-se que esta região historicamente ligada aos jesuítas constava nos projetos da Companhia de Jesus e que imbuídos dessa consciência, atuavam para que esta relação continuasse a existir, agora com outros referenciais. Como escreve o Pe. Ambros Schupp:

Apenas no começo dos anos 1880 veio a ideia de repovoar de novo a antiga região das Missões ao longo do Uruguai. O Pe. Steinhart e o Pe. Schleipen foram destacados para uma viagem até lá, quando, não sabemos por que razões, os superiores se declararam contra a execução do plano. A questão voltou de novo à tona mais tarde. O Pe. Max von Lassberg ofereceu-se para acompanhar os colonos em busca da região do rio Uruguai. Presume-se que foi algo de caro ao coração dos jesuítas a tarefa de verem povoadas novamente por mãos cristãs aquela terra que fora regada com suor e sangue de seus predecessores e da qual haviam sido expulsos de uma forma tão humilhante. (...) a comissão realmente se deslocou para lá, e o Pe. Max von Lassberg a acompanhou. O parecer da comissão, e aquele posterior a este último soou positivo e, como consequência, já em setembro de 1902, um grupo de colonos partiu para Serro Azul, sob a coordenação do citado padre. (SCHUPP, [1912], 2004, p.211).

Nesse fragmento do discurso jesuítico percebe-se o projeto de retomada da região das Missões, cujo cerne era: “repovoar de novo a antiga região das Missões”, por isso, também não é por acaso que seguidamente os padres se referem à Santa Lúcia como Caibaté. Num outro documento que trata da Romaria do Caaró em 1939, temos a



seguinte informação: “Recorte do jornal “Deutsches Volksblatt” [que circulava entre os alemães]. A Romaria do Caaró serviu de preparação para o congresso dos católicos, previsto para 16-18 de fevereiro de 1940 [...] Foram recebidos em Caibaté (= Santa Lúcia) pelo pároco Pe. Paulo Weng. Pernoitaram lá, nas famílias. De manhã, missa e partida. Chegada em Caaró um pouco depois das 12:00.” (SPOHR, 2013, p.61).

É necessário dizer que os jesuítas assumiram a Paróquia São José em Serro Azul somente em 1926, no entanto, sua presença na fundação daquela colônia a partir de jesuítas como o Pe. Max von Lassberg e o Pe. Theodor Amstad já sublinhava sua atuação. A partir dos relatos do Seminário São José pode-se compreender que além de uma grande preocupação em fazer as colônias prosperarem economicamente, também existiu interesse pela região de Caaró cerca de 12 km do centro da vila Santa Lúcia, onde teria ocorrido o assassinato em 1628 de Roque, Afonso e João. Para agentes colonizadores com muitas redes de contato, tanto Lassberg quanto Amstad devem ser entendidos como indivíduos preocupados com as aspirações da Companhia de Jesus e seu conjunto de ações em diversos espaços e diversas situações demonstram isso. Na documentação referente aos Livros do Tombo da Paróquia de Serro Azul, Lassberg durante o tempo que foi pároco entre 1931 e 1934, aparece constantemente envolvido com atividades relacionadas ao Santuário do Caaró. Essa fonte também confirma o apoio de ambas as comunidades quando algum religioso por lá passava: “06.01.1933: O P. Fernando Muller, SJ, benzeu a Igreja em Butiá Superior. Nestes dias, veio o P. Luiz Gonzaga Jaeger, SJ pra continuar suas pesquisas em Caaró, apoiado pelos habitantes de lá e daqui”. (SPOHR, 2013, p.43). Assim como vários outros clérigos que buscavam auxiliar na melhoria dos métodos do cultivo da terra para os colonos recém-chegados nessas regiões muitas vezes ainda em processo de desbravamento, esses jesuítas estendiam sua influência e consolidavam sua presença espiritual na região.

Considerações finais

Este capítulo procurou demonstrar os primeiros eventos que marcaram a constituição da vila Santa Lúcia cujas relações com Serro Azul mostraram importante estudar elementos que também constituíram esta colônia vizinha. Estas questões permitem constatar a dinamicidade de relações existentes na região noroeste no início

do século XX, principalmente neste caso, as ações promovidas pelo catolicismo e suas formas de integração com estas comunidades. Compreender as diversas frentes de influência cultural nestes locais nos auxilia ainda mais a explicar a existência do missionarismo e seus desdobramentos, assim, o Santuário do Caaró apresenta-se como elemento fundamental para entender o sentido das ações jesuíticas e seu interesse na região. Além desses aspectos, procuro levar em consideração os grupos sociais que circulavam por este espaço, pois foram estas pessoas que construíram estas sociedades e somente através de seu apoio a Romaria do Caaró adquiriu as proporções que tem hoje. A população que se fixou ali, principalmente a partir da década de 1920 teve como elemento relacional as representações formuladas a partir dos paradigmas do missionarismo, explicativos do passado histórico da região. Essa compreensão foi mediada por jesuítas e demais setores do catolicismo, os quais se tornaram fulcrais nas construções identitárias e se consolidaram nas subjetividades e sentimentos de pertencimento da população da região.

O contexto de intensa migração interna resultante da colonização com europeus no Rio Grande do Sul deu origem a novas formas de sociabilização e criação de espaços economicamente produtivos. Assim, são vários os temas que podem ser abordados nesta área como a criação de colônias, agentes que trabalhavam para companhias de colonização, o avanço do capitalismo a partir da grande oferta e demanda por propriedades rurais e suas variações, enfim, a especificidade do objeto aponta para qual caminho seguir. No caso de Santa Lúcia, a visibilidade proporcionada a esta comunidade pelo Santuário do Caaró nos permite pensar as formulações do discurso desta cidade e sua identidade missionária e ainda a correspondência desse fenômeno com a história do crescimento deste local e seus primeiros moradores. O assunto que permeou este capítulo partiu da ocupação efetiva da vila Santa Lúcia, por isso discutimos algumas ideias a respeito dos impactos da colonização com europeus no estado com foco na região noroeste, e tratamos de problematizar a questão dos grupos sociais situando os indivíduos que lá estavam. Por fim, vários elementos abordados neste artigo podem ser expandidos a partir do uso ampliado de fontes disponíveis, entendemos que as transcrições dos Livros Tombo da Paróquia Santa Lúcia e da Sagrada Família de Nazaré de Serro Azul permitem identificar a circularidade dos padres católicos na região e uma série de outros elos com as comunidades, porém

vamos procurar intensificar a análise de outros tipos de documentação nos próximos trabalhos para que não fiquemos restritos somente às fontes eclesiásticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARTH, Fredrick. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BURKE, Peter (Org). **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo : Editora Unesp, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

_____, _____. *Os missioneiros*. In: ZARTH, Paulo (Org.). **História do Campesinato na Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2012, p. 58-76.

GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. Tradução: Patrícia de Queiroz. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

MARIN, Diosen. **A consolidação da Romaria do Caaró a partir da mídia impressa: 1937-1945**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS.

OLIVEIRA, Paulo R.M. **O Encontro entre os guarani e os jesuítas na Província Jesuítica do Paraguai e o glorioso martírio do venerável Roque Gonzáles nas terras de Ñezú**. 2009. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.

POMMER, Roselene M. G. **Missioneirismo: história da produção de uma identidade regional**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009.



PORTELLI, Alessandro. *Memória Oral como gênero*. In: **Projeto História 22 (História e Oralidade)**. São Paulo: PUC-SP, 2001.

QUADROS, Ezeula I. **A defesa do Modo de Ser Guarani: o caso do Caaró e Pirapó em 1628**. Porto Alegre: Edigal, 2012.

RAMBO B A; Pe. RABUSKE S.J. (Editores); **Pe. João Evangelista Rick, S.J., Cientista, colonizador, apóstolo social, professor**. Editora Unisinos: 2004.

SANTOS, Júlio R. Q. **Romaria do Caaró: prática cultural, patrimônio e discurso midiático**. In: LEAL, Elisabete e PAIVA, Odair Cruz (Orgs). **Patrimônio e História**. Londrina: Unifil, 2014.

SILVA, Marcio Antônio Both da. **Babel do novo mundo: povoamento e vida rural na região de matas do Rio Grande do Sul (1889-1925)**.; Guarapuava: Unicentro, 2011.

_____. **De nacionais a colonos regulares: ou sobre como formar os “cidadãos operosos do amanhã”**. IN: MOTTA, Márcia; OLINTO, Anselmo (Orgs). **História Agrária: propriedade e conflito**. Guarapuava, Unicentro, 2008.

_____. **Positivismo e colonização no Rio Grande do Sul da Primeira República (1889-1930)**. In: TEDESCO, João C; NEUMANN, Rosane M. **Colonos, colônias e colonizadoras: aspectos da territorialização agrária no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Letra&Vida, 2013.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

SCHUPP, Ambros. Pe, S.J. **A missão dos jesuítas alemães no Rio Grande do Sul**. (1912, 1. ed.). São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2004.

SPOHR, Pe. Inácio (S.J.). **Cerro Largo-RS**. [Coletânea de documentos referentes] Paróquia Sagrada Família de Nazaré, Seminário São José, Presença dos Jesuítas: 1902 a 1956. Porto Alegre: BRM Província do Brasil Meridional da Companhia de Jesus, 2013.

VOGT, Paulo Olgário; RADÜNZ, Paulo. **Jesuítas e cooperativismo: as associações e seu papel no desenvolvimento regional do Rio Grande do Sul**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Maringá (PR) v. V, n,12, jan/2013. ISSN 1983-2850.

ZARTH, Paulo. **História Agrária do Planalto Gaúcho (1850-1920)**. Ijuí: Editora Unijui, 1997.

WERLE, M J. **Aspectos históricos nas relações entre construções socioculturais e meio ambiente**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.



WITT, M; BLUME, W. **Organização social e mobilidade espacial: estudo sobre imigrantes alemães e descendentes no Brasil e na Argentina.** Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 2, p. 97-111, jul./dez. 2014.

WESZ, Mauro M. **Caibaté: imigração e construção de identidades na região das Missões do Rio Grande do Sul.** 2014. 63f. Monografia (TCG em História) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS.

WILLERS, Charlei K. **Rondinha, Santa Lúcia, Caibaté – A caminhada de um município.** 2004. 41 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Santo Ângelo.